

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

ERNESTO ALBA

**COMUNICAÇÃO DO DOCENTE E O USO
TV EM SALA DE AULA**

Porto Alegre 2010

ERNESTO ALBA

**COMUNICAÇÃO DO DOCENTE E O USO
DA TV EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador(a):
Profa. Dra. Marta Rosecler Bez**

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Profa. Rosa Maria Vicari

Coordenador(as) do curso de Especialização em Mídias na Educação: Profas. Rosa Vicari e Liane Margarida Rockenbach Tarouco

DEDICATÓRIA

**Dedico este trabalho a minha esposa
Rosane.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos colegas e alunos do Colégio Estadual Florinda Tubino Sampaio que, prontamente se dispuseram a colaborar com minha pesquisa.

Agradeço a equipe do CINTED/UFRGS, em especial a Anita e ao Evandro, pela disponibilidade, compreensão e incentivo.

A minha esposa Rosane, pela motivação e dedicação.

A orientadora Prof^a. Marta pelo incentivo e dedicação neste momento final.

RESUMO

Este estudo investiga a relação de comunicação dos professores do ensino médio, do Colégio Estadual Florinda Tubino Sampaio, e o uso da TV como um recurso tecnológico de mediação e realização comunicativa. Aborda os conceitos referentes a antropologia do ser que comunica, “docente” sua relação com o conteúdo, a linguagem e o outro, através da mediação e dos recursos tecnológicos do seu tempo. Evidencia o constante desenvolvimento da comunicação, e que o aprender a se comunicar é uma experiência inerente de cada ser humano, desde sua manifestação como “ser”. O educador é por essência o comunicador que se faz presente na vida de todos nós. Na pessoa do docente esta o desafio da formação humana através do ato de comunicar. É o docente que gerencia tempo, espaço e mensagem, integrando de forma aberta conteúdos, pessoas, linguagens, a tecnologia do seu tempo no processo de conhecer. Identifica o docente como uma unidade de dimensões inerentes, reveladas na relação de Objetividade, Subjetividade e Transcendência. Na relação de subjetividade evidencia sua auto-afirmação de ser que é, conduzindo-o a realização, esta só pode acontecer quando atendidos todos os requisitos de uma boa comunicação. O docente se sente realizado quando ao fazer as mediações com o uso das tecnologias constrói o conhecimento que transcende a vida das sociedades. Trata da relação direta do uso da TV em sala de aula, por considerar um recurso mediático acessível a todos, mas que é deixado de lado diante do deslumbramento das novas tecnologias, como também do entendimento da televisão por parte dos professores em relação a educação. O recurso da TV e do vídeo acaba, na maioria das vezes, sendo esquecido, ignorado e mal utilizado, pela falta de motivação, conhecimento sobre suas possibilidades e propostas claras de uso.

Palavras-chave: Docente – Comunicação-televisão

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----|-----------------------------------|
| PCN | Parâmetros curriculares Nacionais |
| TV | Televisão |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS..... | 7 |
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 O DOCENTE: UMA UNIDADE EM FORMAÇÃO | 14 |
| 2.1 Unidades Em Formação | 14 |
| 2.2 A Linguagem | 17 |
| 2.3 O Outro | 18 |
| 2.4 A Didática | 20 |
| 3 O DOCENTE: SER DE MEDIAÇÃO | 23 |
| 3.1 Relações de objetividade: conteúdo..... | 23 |
| 3.2 Relações de intersubjetividade: intencionalidade e atitude | 24 |
| 3.3 Relações de transcendência: conhecimento e valores | 26 |
| 4 REALIZAÇÃO DOCENTE: COMUNICAR E O USO DA TV..... | 27 |
| 5 METODOLOGIA | 32 |
| 5.1 Tipo e Local do Estudo..... | 32 |
| 5.2 Campo de Estudo..... | 32 |
| 5.3 População e Amostra | 32 |
| 5.4 Coleta de Dados | 33 |
| 5.5 Análise dos Dados | 33 |
| 5.6 Aspectos Éticos | 38 |

| | |
|--------------------------|-----------|
| 6 CONCLUSÃO | 39 |
| REFERÊNCIAS..... | 42 |
| ANEXOS I..... | 46 |
| ANEXO II..... | 49 |

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema, a realização no processo comunicativo do docente e do uso da TV em sala de aula, parte de um questionamento sobre a situação atual em que se encontram nossas escolas públicas e o poder de transformação dinâmica e criativa dos docentes. Diante da realidade em constante transformação tecnológica, o acompanhamento dessas não ocorre na escola, distanciando cada vez mais o aluno de seu mestre, dificultando assim a relação comunicativa por essência realizadora do sentido humano de ser. E pelo intenso debate de autores desta área.

Sampaio e Leite argumentam sobre a importância da apropriação dessas tecnologias pela escola, afirmando que:

Cercados que estamos pelas tecnologias e pelas mudanças que elas acarretam no mundo, precisamos pensar em uma escola que forme cidadãos capazes de lidar com o avanço tecnológico, participando dele e de suas conseqüências. Esta capacidade se forja não só através do conhecimento das tecnologias existentes, mas também, e talvez principalmente, através do contato com elas e da análise crítica de sua utilização e de suas linguagens. (SAMPAIO e LEITE, 2003, p.15)

Apresentam-se aqui dois desafios, o primeiro de superar o medo e a falta de conhecimento tecnológico do docente; e em segundo, compreender devidamente todas as implicações do uso tecnológico no processo de ensino e aprendizagem.

O caso da TV, é algo que marca uma revolução na escola em relação a atitude tomada pelos professores, segundo Carlos Seabra (2010)¹. Assim que a TV se tornou realidade, após 1953, foi feita ampla discussão sobre a

¹ SEABRA, Carlos. Palestra: Uma Extensão da Mente – Diálogos com Professores. Fronteiras do Pensamento. 09/12/2010.UFRGS

utilização em sala de aula, mas os professores não viram com bons olhos a perspectiva, e ignoraram a sua importância. Passados alguns anos, esses mesmos professores se dizem vítimas do poder da TV e culpam a mídia, e aos empresários pelo mal estar em sala de aula. Vale salientar que, nos momentos iniciais a disseminação da TV, poucos deram a devida importância ao recurso, preferindo manterem-se presos aos paradigmas da instituição e ao ensino tradicional. Hoje, possivelmente aconteça o mesmo com as novas tecnologias e inovações.

O professor é o comunicador da descoberta, da novidade, é aquele que desafia para o caminho a ser desvendado. O professor passa a ser o líder, que com sua turma explora as profundezas e as fronteiras do conhecimento, em hipótese alguma deve deixar de interagir e fazer uso das fronteiras tecnológicas em seu fazer pedagógico.

A comunicação é uma questão essencialmente social. O homem desenvolveu uma porção de diferentes sistemas de comunicação que lhe tornaram possível a vida social, sendo a fala e a linguagem humana o mais importante. A linguagem humana permite, através da faculdade da fala, dar expressão a praticamente qualquer pensamento. O desenvolvimento tecnológico permitiu ao ser humano fazer uso dos mais variados recursos para facilitar a expressão de seu pensar. Com o advento do rádio, TV, e computador surgem, portanto, as mídias, que influenciaram na aceleração do contato e na reorganização da sociedade da comunicação. E o pensamento humano então quer expressar-se sobre o seu uso. Como ele esta sendo ouvido e interpretado? Qual o retorno necessário para o verdadeiro sentido do comunicar? O que é comunicação? O que as mídias contribuem para o sucesso da aula? Qual o retorno possível da classe?

O educador encontra na sala de aula o verdadeiro sentido do comunicar, seja ela virtual ou real. A habilidade e a competência de interagir de forma lúdica e atraente é essência para o desenvolvimento dos saberes.

O autor deste trabalho parte da observação e das conversas com os alunos e colegas das escolas, em especial a Escola Florinda Tubino Sampaio turmas do ensino médio, turno da manhã, baseando-se nos seguintes

questionamentos. Até que ponto os professores estão preparados para o processo acelerado de comunicação? Como podem fazer uso das mídias, especificamente da TV como recurso, modificando a forma de ensinar e de se comunicar? Pois, hoje não se justificam mais as aulas convencionais, é preciso flexibilidade, com menos conteúdos fixos, com abertura para a pesquisa e a comunicação. A tecnologia facilitou o acesso a informação, o professor é aquele que aprende com seus alunos, ocupa seu espaço colaborando com a interpretação dos dados recebidos, relacionando-os e contextualizando.

Dentre as várias dimensões fundamentais do processo comunicativo do docente, foram analisados alguns aspectos da realidade presente na nova cultura, destacando o docente como uma unidade, fonte mediadora da relação: com o conteúdo, com o outro, com a linguagem, com a didática e com a tecnologia.

Para possibilitar a compreensão, ressalta-se a importância de analisar o docente em suas relações diretas e fundamentais. O primeiro capítulo procura mostrar a construção do docente, através dos três principais aspectos que o envolve como unidade que é, “docente” e suas dimensões: A linguagem, o outro e a didática.

No segundo capítulo trata do processo de comunicação propriamente dita, pois ao torna-se professor esta inerente a decisão pela “relação”. Para que esta relação possa ser efetiva, ela perpassa três estágios necessários: O primeiro da relação de objetividade, segundo de intersubjetividade e, por último, de transcendência. A relação não recíproca, seria a relação primordial, dada pelo contato com o conteúdo. Na relação de intersubjetividade, acontece a partir de Heidegger a auto-afirmação diante do outro, o encontro de sujeitos, com intenções diferentes, que com a ajuda da linguagem acontece a compreensão e a participação (partilha), torna-se aqui relevante salientar que “o estudo do pensamento e da linguagem é uma das áreas da psicologia em que é particularmente importante ter-se uma clara compreensão das relações interfuncionais” (VYGOTSKY, 1993 p. 1). Por último, aquilo que se torna conhecimento e sabedoria transcende e indica o horizonte das futuras experiências humanas.

No terceiro capítulo, a realização do docente pelo comunicador que é, e sua relação com as tecnologias integradas no contexto da sala de aula, aproximando a nova cultura e superando os paradigmas tradicionais de ensino aprendizagem. A pesquisa se fundamenta na seguinte frase, “tudo que passa na TV é educativo. Basta o professor fazer intervenções certas e proporcionar momentos de debate e reflexão.” (MORAN, 1993, p.368)

2 O DOCENTE: UMA UNIDADE EM FORMAÇÃO

2.1 Unidades Em Formação

Quem é o docente? É um ser capaz de construir, construir-se e desconstruir, situar-se e relacionar-se de forma intencional. A investigação quer tratar o docente sob o aspecto da realização como um ser em sua totalidade de humano. A dimensão a ser focada é a de compreender a relação comunicativa, exercício de toda atividade docente. Não esta aqui o desejo de compreender o docente de forma perfeita e tecnicamente, pois a prática docente sempre permanecerá de forma subjetiva ligada ao carisma e a profundidade de doação ao exercício da profissão. O docente sabe de si pela relação do espírito da troca, por esta relação se identifica e se compreende, mas no plano da prática, entre ser e vir a ser, permanece inconformado, insatisfeito, por não alcançar sua plena compreensão. Contudo, diante do pouco, tem uma vaga percepção de que há uma profunda aspiração viva pela relação comunicativa que exerce com os alunos.

O docente é uma unidade dinâmica, que aberto ao mundo, aos outros e ao absoluto, está sempre em crescimento, por ser uma unidade necessita relacionar-se com a realidade e a cultura de cada tempo. Para Heidegger (ABBAGNANO, 2007), relacionar-se corresponde ao seu estado de ser que é o de “ser-em-si” e “ser-para”. Conforme segue citação, temos o conceito de Heidegger, de:

que o termo comunicação deve ser entendido, como “comunicação existencial”. Pois constitui-se a articulação do ser-com que compreende. Ela realiza a partilha da situação emotiva e da compreensão do ser-com. Comunicação não é a transferência de experiências vividas (não importa quais, p. ex., opiniões e desejos) do interior de um sujeito para o interior de outro sujeito. A comunicação é já coexistência porque a co-participação emotiva e a compreensão

dos homens entre si fazem parte da própria realidade do homem, o ser do Dasein (ser-aí) (ABBAGNANO, 2007, p.188).

Em resumo, utilizando as palavras de CHERRY (1974 p.23) – “o homem se tornou uma criatura social, consciente de si própria, responsável”. Na medida em que nos comunicamos, nos tornamos uma unidade e, aos poucos, desvendamos a natureza das coisas, e a verdade se evidencia a cada um de nós. A própria palavra “comunicar” significa “partilhar”, assim nos tornamos uma consciência em seu estado de perfeição, uma cultura.

Buscando os conceitos da Antropologia filosófica de Lima Vaz, (1991) desvenda-se o espaço que o homem, agente comunicativo se utiliza. Sendo a comunicação um processo de conhecimento humano do pensar, e que o espaço da intersubjetividade, determina-se pela construção do próprio homem (docente) em suas relações.

Primeiramente, o espaço que o docente ocupa se dá de duas formas, isto é, presença natural, se faz presente no mundo de forma passiva; e a presença intencional, isto é, se faz presente de forma ativa. É por esta presença natural e intencional que o docente esta presente no espaço e no tempo, na cultura que se relaciona. Poderíamos dizer que o docente se estrutura no espaço e no tempo, por um corpo próprio. Entende-se corpo como aquele que assume na auto-expressão de sujeito, que transcende o nível biológico. “Esta construção de corpo comunicativo está articulada em vários níveis”. (VAZ,1991. p. 176).

“Nível da reestruturação do espaço-tempo-físico-biológico”, (VAZ, 1991. p.177) no qual pelo corpo próprio o docente forma uma impressão de si através da vivência de seu gênero.

“No nível da reestruturação do espaço-tempo-social” (VAZ, 1991. p. 177) do estar na sala por meio do cargo (professor) o docente consegue comunicar-se fazendo uso da linguagem e expressão própria. Passa a ser assumido e identificado na auto-expressão de professor tal, onde o docente se faz presença na comunidade que organiza o seu estar na sociedade constituído de relações. Esta aí, através da linguagem (de sinais e gestos...) a constituição da

comunicação como possibilidade de realização pessoal (humana) e profissional.

“Nível da reestruturação do espaço-tempo-cultural” (VAZ, 1991. p. 178) do estar na escola por meio da docência que busca aperfeiçoamento e formação da personalidade específica.

Portanto, a construção própria do docente e de seu conceito de linguagem própria é dada pela reestruturação destes e outros níveis aqui não citados. Em resumo, o docente possui exterioridade e interioridade. A interioridade é a dimensão que é possível, porque o professor é animado (motivado) pela intencionalidade, por exemplo, intencionalidade afetiva; e a exterioridade é o ser docente que esta voltada totalmente para a fora, isto é, para o exercício técnico de sua função. Ambas as relações implicam em uma abertura para a relação de ser, por essência, comunicativo. Essa abertura para Lima Vaz (1991) se deve a existência da intersubjetividade, que na vida de cada ser humano - destacando o humano por essência docente-, se manifesta na identidade de ser elevada aos seus atos na abertura ao outro.

O docente não é um corpo robótico, ele pensa, sabe fazer as coisas pela inteligência, constrói e se projeta. É capaz de construir sempre algo novo, procura inovar e ser criativo. É a manifestação consciente de ser docente que, ao compreender-se, possui a capacidade de fazer e desfazer, isto é, a consciência da posição mediadora que possui.

O psiquismo se define por esta posição mediadora entre a presença imediata no mundo pelo “corpo próprio” e a interioridade absoluta (ou presença de si a si mesmo) pelo espírito. O psíquico se organiza segundo um espaço-tempo que coincide com o espaço-tempo físico-biológico, ao qual está ligado o corpo, mas tem suas dimensões e seu ritmo próprios. Ele ordena o fluxo da vida psíquica em termos de percepção, representação. Memória, emoções, pulsões. Mas, assim como no somatório há como que uma espacialização do tempo, assim no psíquico se dá uma como que temporalização do espaço (VAZ, 1991. p. 193).

Esta presença mediadora permite o estabelecimento de uma distância entre o docente e o aluno, entre o docente e a cultura, entre o docente e a tecnologia, sendo não apenas uma relação de captura, mas de interpretação em forma de potencial comunicativo.

Cada docente possui seu jeito próprio, isto é, sua intencionalidade. Esta intencionalidade leva a descobrir que é um eu pensante. Este eu pensante necessita, portanto, sentir, viver, emocionar-se, amar e relacionar-se. Passa a trazer para dentro de si o mundo exterior, tornando consciente o domínio das informações, para opor-se na relação comunicativa.

“A relação de conhecimento se dá no nível espiritual, onde se torna consciente com a realidade no tempo e na cultura vivenciada”. (VAZ. 1991. p. 201).

O docente é um ser estruturalmente aberto para o outro. Possui “consciência de si” como sua identidade, se abre ao outro (aluno) pelo horizonte espiritual. E é neste nível que encontra sua mais profunda unidade. É este sentimento espiritual que dá ao docente sentir-se educador e fazer-se educador. Esta relação permite tornar-se um mediador, fazendo uso da linguagem comunicativa. (VAZ, 1991).

2.2 A Linguagem

A aquisição da linguagem parece algo muito natural, entretanto, a formação da linguagem não acontece de forma isolada de um contexto de desenvolvimento integral do indivíduo: atenção, sentimentos, aquisições psicomotoras, percepções, conexões cerebrais, amadurecimento cognitivo, tudo isso ocorre de maneira conjunta. Segundo Aimard (1998) citado em (MORAES, 2004 p.37) ‘...uma rede de comunicação sem o qual não poderíamos apreciar as aquisições do primeiro ano’. Importante salientar que a formação da linguagem é objeto de uma aprendizagem. Da linguagem de escuta e de visualização a pessoa constrói modelos e hipóteses lingüísticas que definem a construção do tipo de comunicador que temos, a construção desta linguagem é contínua. Nos termos do dicionário filosófico, linguagem em geral, significa o “uso de signos intersubjetivos, que são os que possibilitam a comunicação. Por uso entende-se: 1º. Possibilidade de escolha (instituição, mutação, correção) dos signos; 2º. Possibilidade de combinação de tais signos de maneiras limitadas e repetíveis”.

O desenvolvimento lingüístico ocorre muito antes da fala em si, podemos dizer que é pelo choro que a criança comunica seu mal-estar. Portanto, o ser humano tem o desafio de compreender o próprio mundo que o cerca, pois seu progresso cognitivo é a estruturação e o acúmulo de experiências, capaz de fornecer uma bagagem interna e criar lastros para a comunicação oral. Consultemos novamente o Dicionário de Filosofia:

A linguagem distingue-se da língua, que é um conjunto particular organizado de signos intersubjetivos. A distinção entre linguagem e língua foi estabelecida por Ferdinand de Saussure, que a definia da seguinte forma: “a língua é um produto social da faculdade de linguagem e ao mesmo tempo um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em conjunto, a linguagem é multiforme e heteróclita; sobreposta a domínios diversos - físicos, fisiológico e psíquico - também pertence ao domínio individual e ao domínio social; não deixa classificar em categoria alguma de fatos humanos porque não se sabe como determinar a unidade (ABBAGNANO, 2007 p.709)

Portanto, a linguagem através dos signos nos leva ao problema da intersubjetividade, que será tratado no terceiro capítulo. Esta relação de intersubjetividade abre caminho para a relação com o outro, pois a ‘comunicação humana é uma troca de conhecimentos, sentimentos e necessidades entre duas ou mais pessoas’ (MORAES, 2004. p. 39)

2.3 O Outro

Construir conhecimentos implica uma ação partilhada, pois é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas. A evidência do outro se dá pela presença e pela consciência.

Talvez eu não saiba com toda a certeza como é a outra pessoa, mas sua simples existência é para mim uma certeza anterior a todo raciocínio. Sinto a presença dos outros como algo especial que me diz respeito. Nossa consciência parece reconhecer outras consciências desde um princípio como simples presenças. O mundo em que vivo é um mundo humano, isto é, não somente um mundo de coisas, mas um mundo em que me identifico a cada passo o vestígio da presença de meus semelhantes. Além disso, ele me vê como outro ao mesmo tempo que eu o vejo como outro. De alguma maneira, eu sou “eu” e “outro”. (MIORANZA, 2008 p.80)

Portanto a presença do outro predispõe uma mútua motivação na busca dos objetivos de um ensino adequados ao desenvolvimento da pessoa, essa predisposição se dá necessariamente pelo diálogo sincero, pois este implica em aceitar certa igualdade entre os que falam, é o reconhecimento e o respeito

da dignidade da pessoa que nos fala e que nos escuta. Para que aconteça um verdadeiro intercâmbio, os interlocutores necessitam de uma confiança mútua. O bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento do indivíduo como sujeito de relação. “O sujeito, ao aprender, pode atingir um novo patamar de desenvolvimento” (MORAES, 2004. p.123).

Pensando num exemplo mais prazeroso da presença do outro, a brincadeira tem a função significativa no processo de desenvolvimento da comunicação.

É através da imitação, realizada na brincadeira que se internaliza regras de conduta, valores, modos de agir e pensar de seu grupo social, os quais passam a orientar o seu próprio comportamento e desenvolvimento cognitivo”. Outro exemplo, são as atividades experimentais, é possível através delas reproduzir, refazer ou simular os passos aprendendo não apenas conteúdo da atividade mas, principalmente, como trabalhá-las experimentalmente. (MORAES, 2004. p.123).

No papel de mediador o professor promove a dinâmica das interações pessoais e interpessoais e da interação das crianças com os objetos de conhecimento.

Priorizando as interações entre os próprios alunos e deles com o professor, VYGOTSKY (1993) destaca que o objetivo da escola é fazer com que os conceitos espontâneos, que as crianças desenvolveram na convivência social, evoluam para o nível dos conceitos científicos.

Nesse sentido o educador assume o papel de mediador privilegiado na formação de conhecimentos, fazendo uso da linguagem, através do respeito e do diálogo, relaciona-se e une-se aos outros. Em um diálogo autêntico é possível observar e sentir a presença da outra consciência que se abre, e responde a obrigatoriedade do abrir-se.

Os postulados de Vygotsky apontam para a necessidade de criação de uma escola em que as pessoas possam dialogar, duvidar, discutir, questionar e compartilhar saberes. Onde haja espaço para transformações, para as diferenças, para o erro, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade. (MORAES, 2004. p.124)

Referindo ao desenvolvimento da criatividade, conclui que,

“Apesar de estarmos no século XXI e de fazermos parte de um mundo globalizado, a escola continua sem a competência necessária para valer-se daquilo que é inovador e diferente a tecnologia” (MORAES, 2004. p. 132).

O fracasso escolar e as dificuldades de aprendizagem são, sem dúvida, pela estagnação em que se encontra uma grande parte dos professores, nas escolas públicas.

A educação continuada deve ser uma meta dos profissionais responsáveis pela formação de pessoas do ponto de vista cognitivo, afetivo, social e moral a fim de levá-los a ter oportunidades de um futuro melhor como cidadãos. (MORAES, 2004. p.132).

2.4 A Didática

A sala de aula é espaço onde o processo educativo se concretiza na interação entre professor, alunos e objeto de conhecimento. O planejamento define a ação a ser desenvolvida; no cotidiano das aulas executa-se a ação planejada.

No curso de formação para docentes ACOSTA (2004. p. 83), destaca que a sala de aula, conforme LIBÂNEO (2002) constitui-se num conjunto de meios e condições pelos quais o professor dirige e estimula o processo de ensino em função da atividade própria do aluno no processo de aprendizagem escolar, favorecendo a assimilação consciente e ativa dos conteúdos.

Assim, aula corresponde a todas as maneiras didáticas organizadas e orientadas direta ou indiretamente pelo professor, tendo em vista realizar o ensino e aprendizagem.

Tendo como norte o planejamento elaborado para a disciplina e o tempo de duração da aula ou em um conjunto de aulas, o professor precisa preparar-se, através de um planejamento sistemático. Esse procedimento garante o alcance dos objetivos, a justeza dos conteúdos ao tempo disponível, a escolha da metodologia, o aproveitamento do tempo, a preparação do material didático. Desse modo, o professor organiza as condições nas quais os conteúdos serão trabalhados, refletidos e reelaborados pelos alunos, para que possam se apossar deles (conteúdos). (ACOSTA, 2004. p. 83).

Acosta, salienta também que, Vasconcelos (2002) apresenta três dimensões indispensáveis, inseparáveis na prática de sala de aula:

1. Mobilização para o conhecimento: O professor possibilita o vínculo significativo entre os alunos e o conteúdo, criando uma atitude favorável ao conhecimento novo, de modo que o aluno tenha sua atenção, seu sentimento, seu pensamento e sua ação voltados para o conteúdo. O professor fará um esforço com a finalidade de dar significado inicial para que os alunos considerem a aprendizagem daquele (conteúdos) como um desafio.
2. Construção do conhecimento: O professor organizará condições metodológicas para que os alunos possam apossar-se do conteúdo, em suas relações e captar-lhe a essência. Assim, o professor oferece condições para que os alunos, a partir de conhecimentos que já têm, construam novos conhecimentos.
3. Elaboração e expressão da síntese do conhecimento: O aluno elabora e expressa a síntese do conhecimento construído. É o momento em que o professor abre espaços para que os alunos expressem suas conclusões, façam complementações, revisem conceitos fundamentais até chegarem à síntese que desencadeará condições para as aulas seguintes ou para novas pesquisas.

Segundo ZABALA (1998), o professor tem uma série de funções na estruturação das interações educativas na sala de aula, destacado por (ACOSTA, 2004 p. 85), tais como:

- Planejar a aula de forma flexível, sem rigidez, que ajude a resolver os diferentes problemas que a prática educativa apresenta;
- Buscar contribuições e os conhecimentos dos alunos, tanto no início das atividades como durante a sua realização;
- Ajudar os alunos a encontrar sentido no que estão fazendo para que conheçam o que têm que fazer, sintam que podem fazê-lo e que é interessante fazê-lo;
- Estabelecer metas ao alcance dos alunos para que sejam superadas com o esforço e ajuda necessário;
- Oferecer ajuda adequada durante o processo de construção do conhecimento pelos alunos para enfrentamento dos problemas que se deparam;

- Promover a atividade mental, o que permita ao aluno estabelecer o máximo de relações com o novo, contudo, dando-lhe significado;
- Estabelecer um ambiente de respeito mútuo e sentimento de confiança que promovam a auto-estima e o auto-conceito favoráveis à aprendizagem;
- Estabelecer processos comunicativos que possibilitem negociações, participações e construções:
- Avaliar os alunos conforme suas capacidades e esforços, levando em conta o ponto pessoal de partida e o processo pelo qual adquirem conhecimento.
- Portanto, o plano de aula ou um conjunto de aulas consiste no detalhamento da proposta do professor para uma aula que alcance o nível mínimo de aprendizagem e sucesso.

As dimensões, da linguagem, do outro e da didática, procuram mostrar que o docente como ser de relação, se compõe em uma unidade comunicativa. Portanto, esta unidade de ser que é, realiza-se na medida em que exerce a relação de mediação em três aspectos fundamentais: objetividade (conteúdo) subjetividade (intenção) e transcendência (conhecimento)

3 O DOCENTE: SER DE MEDIAÇÃO

3.1 Relações de objetividade: conteúdo

A “objetividade é o primeiro tipo de relação”, (VAZ,1991) do docente com a realidade que lhe é exterior. Ao considerar as coisas do mundo como algo objetivo o docente se comunica pela sua presença aos objetos e produz uma interconexão gerando um conceito. Assim, o professor aparece como mediador objetivo de toda exterioridade, isto é, conteúdo.

O educador passa a ser aquele que mediatiza a passagem da exterioridade das coisas assim como são, para a exterioridade significada. Deve-se ter cuidado pois,

na sala de aula encontramos um professor que expõe informações, conceitos e regras de trabalho: e encontramos alunos que ouvem a apresentação e utilizam material didático. No final do processo, uma prova ou teste para verificar o que o aluno reteve do que foi dito ou lido”. (CHINAZZO, 2004, p. 76)

A mediação possui algo mais, significa a compreensão da realidade e não apenas retenção de informações sobre elas contidas nos livros.

O “objeto” aqui é o conteúdo, valorizado, por quem quer conhecê-lo e transmití-lo. Por outro lado, não é possível conhecê-lo totalmente, apenas passa a conhecer parte dele, o fenômeno, aquilo que aparece no nível da percepção. As coisas se tornam presentes a ele, e assim pode conhecê-las, compreendê-las e nesta relação atribuir-lhe um significado. Nesta capacidade simbólica, constrói sua maneira própria e objetiva de expressar aquilo que conhece e compreende (VAZ, 1991).

A relação de sujeito-objeto, sendo o docente o termo ativo da relação, necessariamente gera a expressão do conteúdo na forma do discurso, onde

domina o objeto (conteúdo) ou pode ignorá-lo, não lhe dando a mínima importância.

O docente, ao relacionar-se com o conteúdo, se auto-afirma e se descobre, pois é autoridade no assunto, colocando assim os próprios limites. Portanto, a relação com o conteúdo não é recíproca, e necessita da linguagem para dar-lhe significado dentro das estruturas, das leis e da cultura. É através da linguagem que o docente constrói a relação de intersubjetividade, pois precisa romper a relação monológica com o objeto e dar-lhe um sentido, um significado. (CORREA, 1995)

3.2 Relações de intersubjetividade: intencionalidade e atitude

Ao romper a “relação direta de objetividade” (CORREA, 1995) o docente se encontra necessariamente numa relação recíproca, de um sujeito que busca auto-afirmação. Ao se auto-firmar, desvenda-se sua intencionalidade, pois tem diante de si outro ser (aluno) que também busca se auto-afirmar e que também possui uma intencionalidade. Essa relação de professor e aluno, exige um conhecer ao outro, acolher-se para assim compreender-se.

A relação de intersubjetividade é a descoberta do outro na construção de um diálogo estruturalmente reflexivo que permite a auto-afirmação de ambos. Essa relação de reciprocidade permite a tomada de consciência do docente como docente e do aluno como aluno. E só há reconhecimento da consciência de si (docente) quando percebe a outra consciência (aluno). Sem aqui aprofundar em questões filosóficas, a concepção psicológica da consciência acontece no nível da percepção, da imaginação e da afetividade no encontro com o outro. Portanto, toda relação deve ser vista a partir do diálogo (CORREA, 1995).

Na dimensão ética é pautada pelas normas e costumes, com convenções, dentro de cada cultura. Ao relacionar-se com o outro, o docente encontra várias formas de diálogo, usando os diversos recursos. A convivência, reconhecimento, permitem uma maior mediação de toda a forma de conteúdo e de reflexões abstratas. Ao relacionar-se com o aluno, naturalmente conversa, dialoga, neste sentido, aproxima-se da compreensão.

Na relação de objetividade é permitido falar de uma primazia do “explicar” sobre o “compreender”, nesta última a relação se dá entre sujeitos (VAZ, 1991).

A relação exige conhecer o outro, acolhê-lo e auto-afirmá-lo, para assim o compreender. A presença do outro interpela para uma interação e permite olhar o outro. Ouvir o outro, tocar o outro, enfim, compreender outro.

Na intersubjetividade é o outro com que se identifica, e se auto-afirma. O homem torna-se expressão, um para outro. Para o caminho da comunicação, a busca deve estar sempre na procura de compreender o outro como eu que se afirma, que é sujeito. “Cada pessoa tem necessidade de expressar-se, de verbalizar o que vai no seu interior. A auto-expressão, por ser atividade dum “eu”, somente se efetua plenamente, quando encontra um “tu” que escuta e responde” (RABUSKE, 1986, p.128)

A valorização do sujeito como sendo um ser completo, histórico, livre é dado pela capacidade de diálogo. O diálogo poderá reabilitar a razão humana, e dar base sólida à realização do indivíduo. O diálogo se fundamenta no consenso onde são levadas em conta as diferentes posições. O encontro parece, de princípio, uma idéia de enfrentamento de inimigos. Mas a experiência mostra que todos são iguais, para tanto, dialogam para construção mútua. Esta construção se deve pela abertura com que o docente se faz presença, tornando-se “ser-com-os-outros”. Cada sujeito possui conhecimentos que através do ato da comunicação exige uma tomada de posição. Cada pessoa tem a necessidade de expressar-se, de valorizar o que possui no seu interior. A auto-expressão, por ser uma atividade de um “eu”, somente se efetua plenamente quando encontra o outro “tu” que escuta e responde (CORREA,1995).

É na linguagem que os seres humanos conseguem partilhar idéias e manter-se em comunidade. Ao compreender um ao outro, estabelecem regras e constroem uma relação de redes para o conhecimento humano. Portanto, a relação recíproca, vai além do plano físico, da objetividade e da relação de troca dados pela intencionalidade de ambos. Segue o ilimitado caminho da

transcendência, isto é, do espírito humano de compreender aquilo que está além de ambos (VYGOTSKY,1993).

3.3 Relações de transcendência: conhecimento e valores

O termo transcendência é originado a partir do verbo transcender, significando “subir além de”. Ao contrário, o termo imanência significa tudo aquilo que é mundano. A relação aqui é demonstrar que o docente procura o sentido existencial de ser. É uma experiência ética, é por esta relação que se constitui a realização da pessoa. Transcender é um constitutivo do homem, necessário para ultrapassar os aspectos de objeto e sujeito de linguagem. É esta relação que vai permitir ao docente finalmente pensar-se como uma unidade de pessoa realizada e transformadora (CORREA, 1995).

Transformadora no sentido que passa a transcender do seu meio (ou melhor, do seu controle) a força do seu pensamento, gerando o espírito crítico no outro. Este outro se torna um agente transformador da realidade. Pois os objetivos da formação foram alcançados, a partir da formação ética, do desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

Outro fator da transcendência é o conhecimento, que foi alcançado pelo esforço do pensar, dado o objeto e a informação recebida, agora se torna produto da competência geradora em meio as mais diversas áreas da exploração científica.

Por fim, os valores são a essência extraída da sabedoria, encontrados na capacidade e habilidade da escolha e da decisão. Sendo o princípio primordial o de valorizar a vida, sentido último de todo o relacionamento e comunicação humana. A grande realização de um docente é perceber o retorno do eco da vida, dado pela comunicação de valores presentes em cada pessoa com quem pode partilhar a sua própria vida (CORREA,1995).

4 REALIZAÇÃO DOCENTE: COMUNICAR E O USO DA TV

O docente realiza-se na medida em que faz a passagem do ser que é ao ser tornado pelas relações que se faz com o outro. A realização do docente passa pelo processo comunicativo, do exercício da conquista do outro (aluno) através dos inúmeros recursos do saber e da técnica. A didática aqui é o planejamento de tudo que quer comunicar de maneira saudável e prazerosa. O retorno da satisfação dada pela participação efetiva, envolvente, traz o sentido de ser do docente.

Tendo construído o conceito de intersubjetividade, da presença do outro, que torna possível a linguagem e o comunicar na revelação do “Ser”, percebe-se a dicotomia existente nos sistemas atuais de comunicação de massa, que em sua matriz preocupam-se com o potencial econômico da mensagem e da informação, criando um mercado consumidor. A própria classe docente possui esta necessidade de reproduzir de forma preservada a informação, e o conhecimento, esquecendo-se de que o verdadeiro comunicar se dá na construção mútua e interativa onde a relação intersubjetiva desencadeia uma atitude dialogal de partilha de informação e construção de conhecimento.

A relação comunicativa da TV, nos distancia da presença do outro, pois o comunicar exige a presença objetiva e intersubjetiva do outro, de sua expressão e atitude corporal. Para tanto todo o cuidado para com o uso da TV se faz necessário, na construção do verdadeiro comunicar. A mediação adequada possibilita um pensar sobre temas importantes como a felicidade, o individualismo, a liberdade, a ética, a moral, o bem e o mal e outras ansiedades, preparando o sujeito para o encontro com próximo de forma mais substancial e recíproca.

Conforme o dicionário de filosofia, utiliza-se o termo comunicação para designar o caráter específico das relações humanas que são ou podem ser relações de participação recíproca ou de compreensão. Portanto, esse termo vem a ser sinônimo de “coexistência” ou de “vida com os outros” e indica o conjunto dos modos específicos que a coexistência humana pode assumir, contando que se trate de modos humanos, isto é, nos quais reste certa possibilidade de participação e de compreensão (ABBAGNANO, 2007).

O sentido do comunicar consiste em promover a vida humana, pela participação e compreensão. Mas o docente, na relação com o mundo da escola, depara-se com situações de miséria de valores, de sofrimento, falta de respeito, de decepções e de trabalho forçado. E diante de tudo isso se pergunta, vale a pena viver? Partilhar? Tentar ser compreendido, compreender e participar? O que fazer então para promover a vida? Tais restrições acabam muitas vezes por dificultar a comunicação entre sujeitos, construção de novo grupo e a promoção humana.

Diante desses e outros problemas como as diferenças sociais, étnicas, falta de solidariedade e sensibilidade, nosso ponto de partida é o respeito mútuo e a busca de consenso, de idéias comuns. A promoção da vida exige um “acolhimento”, uma “escuta”, princípios de todo processo inicial de diálogo e comunicação. É através desse ato de acolher e escutar, em uma atitude aberta, que será possível iniciar o resgate da dignidade humana da pessoa, pois somente quem possui dignidade, afirma-se como um ser de relação e exerce a comunicação (CORREA, 1995).

O professor precisa superar as dificuldades de ser humano que é, quando se fixa na relação consigo mesmo, voltado somente a si, fechado, tornando-se incapaz de agir com a realidade e com a cultura do novo tempo. É preciso superar o preconceito e o medo da rejeição, e vencer a hipocrisia, a negação daquilo que é. Quando isso acontece, podemos perceber que a instituição escola passa a compor-se por “consciências mortas”, pelo fato de ocultar-se e tornar-se indiferente frente às inovações e delas fazer uso criativo. Para Moran, (2004).

ensinar e apreender estão sendo desafiados como nunca antes. Há informações demais, múltiplas fontes, visões diferentes de mundo. Educar hoje é mais complexo porque a sociedade também é mais complexa e também o são as competências necessárias. As tecnologias começaram a estar um pouco mais ao alcance do estudante e do professor. Precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados.

A inserção de recursos tecnológicos é amplamente discutida no ambiente escolar e em todas as esferas e órgãos competentes. Justifica-se pelo fato de que hoje esses meios constituem a cultura da nossa sociedade. Portanto, torna-se necessário superar os paradigmas e aproximar a realidade escolar ao contexto da cultura atual. Isto significa, ampliar os espaços de ensino-aprendizagem, o que para MORAN (2004).

O professor, em qualquer curso presencial, precisa hoje apreender a gerenciar vários espaços e a integrá-los de forma aberta, equilibrada e inovadora. O primeiro espaço é o de uma nova sala de aula equipada e com atividades diferentes, que integra com a ida ao laboratório para desenvolver atividades de pesquisa e de domínio técnico-pedagógico. Estas atividades se ampliam e complementam a distância, nos ambientes virtuais de aprendizagem e se complementam com espaços e tempos de experimentação, de conhecimento da realidade, de inserção em ambientes profissionais e informais (MORAN, 2004 p. 3).

Aquele que possui consciência de que pode expressar-se livremente, que se faz respeitado e acolhe o outro e as inovações, torna-se cada vez mais capaz de uma relação e de autenticidade comunicativa. Acreditar exige confiança, portanto, acredita-se mais em alguém autêntico, pois, ao dialogar, possui sensibilidade intelectual e emocional. O docente que conseguir vender seus produtos fazendo uso desses poderes torna-se um concorrente da comunicação de massa, TV. Os grandes meios de comunicação de massa perceberam a falha e transformaram a realidade em espetáculo, trabalhando a sensibilidade e a emoção, vendem seus produtos de interesse. A escola e o docente na periferia dessa onda não conseguem ser percebidos, mesmo que seu grito seja de desespero. É um momento histórico de transformação, destaque dado pela autora SILVA (2005), no artigo sobre o uso pedagógico da televisão e do vídeo, do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Petrópolis- RJ.

Vivemos um momento histórico em que as transformações estão em ritmo acelerado, o que nos aponta para uma sociedade em rede (Castells, 2001), na qual o conhecimento desempenha papel

fundamental e a comunicação ocorre com maior intensidade, acarretando aumento no ritmo das mudanças e novas configurações para os contextos social, político e cultural, gerando subjetividades, atingindo, também, o foco mediador da atividade educativa: o conhecimento. Faz-se necessário repensar o contexto educacional. A palavra de ordem é formar cidadão, preparar o aluno para o presente e futuro, sem saber com exatidão o que este futuro nos reserva. (SILVA E LEITE, 2005).

Resgatar o valor e o poder que cada docente possui, neste processo comunicativo, através da cooperação e do diálogo, e em conjunto com os alunos tornar-se protagonistas no uso dos recursos tecnológicos, demonstrando que se pode melhorar a comunicação em sala de aula e assim melhorar o entendimento de cada conteúdo desenvolvido.

É na comunicação que a pessoa se constitui. Esta experiência marca sua vida, dá sentido a sua existência. Ao ser bem acolhida, a pessoa se faz presente ao mundo. É uma existência capaz de abri-se para o outro, possível quando o outro contribui para o seu crescimento. A dignidade de ser pessoa exige a realização do comunicar. O ser humano é pessoa chamada a uma existência dialogal (CORREA, 1995). Da pessoa do educador é exigida a habilidade dialogal, com o outro, com o diferente, com as inovações tecnológicas e com a TV.

O aprofundamento na relação de intersubjetividade, tornou-se fundamental por se tratar da realização na comunicação do docente. Pois a produção de sentido se dá pelo significado da interação, da intencionalidade construída pela afirmação do outro que se faz presente, ambos tornam-se protagonistas da construção comunicativa harmoniosa e satisfatória.

A comunicação exercida pelo docente em busca da realização profissional, acaba por se deparar com uma comunicação poderosa, onde as novas tecnologias não param de explorar o inimaginável e distanciar o ser humano do humano, isolando-o em dimensões virtuais. Ensinar a desenvolver relações comunicativamente humanas com uso das tecnologias, é missão do educador, ele é o mediador consciente e crítico das realidades, portanto aquele que aproxima e estabelece conexão de forma democrática com os mais diversos canais para a coleta de informações e o desenvolvimento do conhecimento.(MORIN,1921).

A TV e o vídeo é um recurso difundido e utilizado em todas as escolas, a presença na vida diária é indispensável, por estar ligado diretamente ao lazer e ao entretenimento, além da informação. Nesse sentido, a relação com a TV é de certa maneira algo que traz satisfação e realização. Mas, sem uma proposta de utilização adequada, em salas impróprias e ou em situações diversas sem finalidade pedagógica, gera frustração e descaso, abortando a comunicação gerando um momento de descanso, ou não “aula” na cabeça dos alunos, conseqüente desmotivação e perda de interesse.

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo e Local do Estudo

Foram escolhidos mais de um tipo de pesquisa a ser empregada neste trabalho monográfico, a pesquisa qualitativa, descritiva e explicativa, resultante da observação e da análise do contexto escolar, do levantamento documental, bibliográfico e eletrônico, bem como a interpretação textual das entrevistas aplicadas, visando investigar e conhecer, quais causas do fracasso ou do sucesso no uso da TV na sala de aula?

5.2 Campo de Estudo

O Colégio Florinda Tubino Sampaio está situado do bairro Petrópolis, município de Porto Alegre. Atende a comunidade local, bairro de classe média, sendo que muitos de seus alunos são de vilas próximas como a Vila Cruzeiro, dada a facilidade de acesso, pela Av. Protásio Alves. Este fato não altera a boa convivência e o nível de interesse por parte dos alunos. O colégio é uma referencia na região, portanto, mantém além de uma procura elevada, um conceito de instituição respeitada pela sociedade local.

5.3 População e Amostra

A pesquisa procurou fazer análise da visão dos professores e dos alunos. No grupo docente foram entrevistados doze professores do Ensino Médio, das seguintes disciplinas: Matemática (01 professor), Ciências/ Biologia (01 professores), Geografia (02 professores), História (02 professores), Língua Portuguesa (02 professores), Língua Estrangeira (01 professor), Química (02 professores), Ética e Cidadania (01 professor). No grupo dos alunos, foram entrevistados 20 alunos das turmas de 2 segundo (composto por 6 turmas) e 3

terceiro anos (composto por 5 turmas), escolhidos aleatoriamente. A idade dos entrevistados encontra-se entre a faixa de 15 a 17 anos.

5.4 Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada a partir de entrevista direcionada, com doze questões diretamente ligadas sobre uso da TV na vida de cada entrevistado e a sua prática pedagógica. Por parte dos alunos, foram aplicadas doze questões relacionadas ao uso da TV, em sala de aula e no dia-a-dia.

5.5 Análise dos Dados

A análise dos dados será efetuada a partir da observação dos procedimentos adotados pelos docentes, direção e funcionários, além de entrevistas qualitativas do questionário, levantamento de dados, pesquisa documental, bibliográfica e eletrônica que serão contemplados na produção textual que segue.

No grupo de docentes, evidenciou-se, pelo questionário, que a utilização da TV nas salas de aula enfrenta dificuldades, reforçadas pelo distanciamento que há entre a escola e a nova cultura. Para MORAN (2002),

os meios de Comunicação, principalmente a televisão, desenvolvem formas sofisticadas multidimensionais de comunicação sensorial, emocional e racional, superpondo linguagens e mensagens, que facilitam a interação, com o público. A TV fala do sentimento, utiliza o impacto emocional, gerando um contexto comunicacional que facilita e predispõe a aceitar mais facilmente as mensagens.

Os principais motivos técnicos são: a falta de agenda para a utilização (*reserva da sala, alguns agendam toda a semana impossibilitando que outro possa utilizar*); número de turmas elevado para uma única sala de mídias; a dificuldade em aproveitar o tempo disponível de apenas 50 minutos aula; planejamento (*a programação deve ser feita com antecedência- muitas vezes não coincide com os conteúdos trabalhados*), seja para ilustrar, documentar, demonstrar ou para pensar e refletir com é o caso de um filme. Todos esses problemas são evidentes, mas o que é importante salientar que basicamente estão relacionados (MORAN, 2010),

a dois perfis profissionais (com diferentes variáveis e justificativas): os automotivados e os que precisam de motivações mais externas. Os automotivados são mais ativos, procuram saídas, não se detêm

diante dos obstáculos que aparecem e por isso costumam realizar mais avanços a longo prazo. Os motivados externos são mais dependentes, precisam ser monitorados, orientados, dirigidos. Sem essa motivação externa perdem o ímpeto, quando aparecem dificuldades, ou quando o controle diminui. Os automotivados pesquisam e, com poucos recursos ou condições, constroem novos projetos. Os dependentes, nas mesmas ou melhores condições, preferem executar tarefas, obedecer ordens, realizar o que os outros determinam. Os dependentes querem receitas, os automotivados procuram soluções. Por que uns são mais motivados do que os outros? Uma das explicações, na minha opinião, é que os motivados procuram ou encontram um sentido mais profundo no que fazem na vida do que os dependentes, que encaram a educação mais como profissão e sobrevivência econômica, sem outras idéias que os orientem.

Outro fator é a falta de conhecimento sobre assuntos e conteúdos que podem ser trabalhados a partir da TV. Um desconhecimento que inicia com a falta de compreensão das linguagens da TV e do Vídeo e das possibilidades de utilização. Conforme MORAN (1995).

O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele –nos toca e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experimentamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos.

e das possibilidades de utilização, em resumo, conforme MORAN (1995).

Como sensibilização, um bom vídeo é interessantíssimo para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas. Como ilustração, ajuda a mostrar o que se fala em aula, a compor cenários desconhecidos, ou traz para a sala de aula realidades distantes aproximando a vida. Como simulação de experiências e casos de observação. Como ensino para os processos de interpretação e interdisciplinariedade. Como produção, em registro de estudos, pesquisas, entrevistas podendo ser utilizado para intervenção e expressão. Como avaliação, como espelho e como integração e suporte.

Todos os entrevistados destacaram o tempo do período da aula de 50 minutos é o principal implicante para qualquer atividade na sala de mídias (utilização da TV) sendo que a principal solução deste é o empréstimo da aula seguinte ou a apresentação de forma parcelada, fazendo uso da sala por mais de uma vez.

Percebemos aqui que o professor não está podendo integrar a tecnologia adequadamente a sua prática pedagógica, por falta de conhecimento e de recursos, mas precisamos estar cientes que, ela não resolve todos os problemas da educação, sua inclusão na escola também, não

significa uma mudança, como nos lembra MORAN (2000): “o poder da interação não está na tecnologia, mas nas nossas mentes”.

Quanto às estratégias do fazer pedagógico em sala de aula com o uso da TV, por parte dos entrevistados, foram as seguintes: Assistem antes e fazem perguntas bem detalhadas sobre o mesmo; assistem com os alunos para enriquecer o conteúdo; assistem para ilustrar a arte e a história, e ou para reflexão e produção textual - resenhas; assistem para conhecimento cultural, debates e trabalhos escritos, como também para o ensino e entendimento da língua estrangeira; utilizam a imagem para facilitar o trabalho e apresentar o conteúdo e provocar discussão e o debate, como também para despertar o interesse de assistirem em casa. Portanto, é necessária esta mediação pedagógica do professor para efetivar a construção do conhecimento, com o uso ou não da tecnologia. Sua importância no processo de ensino-aprendizagem se evidencia se estiver adequada aos objetivos que se deseja alcançar. Para MORAN, (2010)

educar com as novas tecnologias é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade. Temos feito apenas adaptações, pequenas mudanças. Agora, na escola, no trabalho e em casa, podemos aprender continuamente, de forma flexível, reunidos numa sala ou distante geograficamente, mas conectados através de redes de televisão e da Internet. O presencial se torna mais virtual e a educação a distância se torna mais presencial. Os encontros em um mesmo espaço físico se combinam com os encontros virtuais, a distância, através da internet e da televisão.

Complementando a citação acima evidencia-se que todos os professores, indicam filmes aos seus alunos, que todos possuem aparelho de TV em suas casas, que pelo menos uma ou duas vezes por semana fazem uso de algum veículo de comunicação mais moderno para assistir a filmes e documentários, e que uma minoria vai ao cinema pelo menos uma vez por mês.

A determinação do número de entrevistados foi focada nos professores do Ensino Médio, por estarem diretamente envolvidos com uma nova geração de alunos, onde o poder está na imagem, na imaginação e na multiplicidade de como se conectam a informação e dela fazem uso.

No grupo dos alunos foram feitas perguntas com o mesmo foco dado aos professores para efeito de comparação e afirmação: Você gosta da aula

com TV? Quais as disciplinas que mais fizeram uso da TV? Dificuldades para o uso da TV? Qual filme ou documentário que mais lhe chamou atenção neste último semestre?

A disciplina que em todas as turmas fez uso da TV foi história, sendo um dos filmes o que mais impressionou no trimestre, o filme a Vida de Maria Antonieta. “Neste caso, segundo MORAN (1995), o vídeo foi utilizado como ilustração, pelo fato de recompor um cenário desconhecido pelos alunos, exemplificando e ajudando a situar os alunos no tempo histórico”

Outras disciplinas como Geografia, Artes, Filosofia, Física, vêm em seguida. Disciplinas como Sociologia, Ética, Ensino Religioso, matemática também são citadas pelo uso da TV.

Ao serem perguntados sobre o conhecimento da videoteca da escola, dos 20 entrevistados, somente 9 possuem conhecimento sobre a mesma, e destacam ser pouco divulgada e utilizada.

Evidenciou-se que a disponibilidade é o principal fator que dificulta uma maior utilização desse recurso (*deveria se ter uma TV para cada sala*). E que muitas vezes (*...a TV seria uma forma de tornar a aula do professor mais interessante, já que há muita conversa e desrespeito com a aula do professor*). Evidenciou-se que toda exibição possui relação com os conteúdos trabalhados, e que é, na maioria das vezes, feito uma reflexão aproveitando o conteúdo da apresentação.

Evidenciou-se que a maioria assiste filmes e documentários em casa, que possui alguma relação com conteúdos das aulas, que a TV é um aparelho indispensável. A maioria assiste todos os dias algum programa vinculado pelos meios mais modernos (internet, TV a cabo) e que vai ao cinema quase que semanalmente. Um fato interessante é que ao serem questionados sobre a colaboração quanto a postura adequada na sala de mídias, contribuindo com seu professor e colegas, evidenciou-se que a maioria das vezes a turma não contribui. Evidencia-se que o processo de ensino-aprendizagem deve estar adequada aos objetivos, apenas incluir um filme, ou tecnologia na sala não significa que haverá aprendizagem.

Pelo que foi exposto, torna-se necessário refletir sobre o domínio das tecnologias e seus usos na escola. A TV e o vídeo podem apresentar uma alternativa pedagógica, mas precisam que as suas imagens passem a incorporar a leitura e o processo de entendimento do aluno. MORAN (2002) já fazia uma leitura crítica ao dizer que

A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para os usos democráticos, mas progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos. O poder público pode propiciar o acesso de todos os alunos às tecnologias de comunicação como uma forma paliativa, mas necessária de oferecer melhores oportunidades aos pobres, e também para contrabalançar o poder dos grupos empresariais e neutralizar tentativas ou projetos autoritários (MORAN, 2002).

A escolha da TV se deu por considerar o mais acessível meio tecnológico das escolas e por abranger toda a trajetória da presença de meios tecnológicos de nosso tempo na educação aos dias atuais. O adequado uso de um recurso tecnológico, como é o caso da TV, cria credências para a utilização adequada de outras tecnologias. Conforme MORAN, (2002).

(...) que a criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão. Aprende a informar-se, a conhecer- os outros , o mundo, a si mesmo – a sentir, a fantasiar, a relaxar, vendo, ouvindo, “tocando” as pessoas na tela, que lhe mostram como viver , ser feliz e infeliz, amar e odiar. A relação com a mídia eletrônica é prazerosa – ninguém obriga- é feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa- apreendemos vendo as histórias dos outros e as histórias que os outros nos contam. Mesmo durante o período escolar a mídia mostra o mundo de outra forma- mais fácil, agradável, compacta- sem precisar fazer esforço. Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades. A mídia continua educando como contraponto à educação convencional, educa enquanto estamos entretidos.

Neste trabalho o que se deseja é estabelecer são as conexões entre as práticas tradicionais empregadas na Escola, no que tange a restrição ao acesso da TV, e a contradição observada quanto ao uso da TV para apresentações sem vínculo pedagógico, ou para facilitar o controle e atendimento a mais de uma turma. Enquanto a “TV fala primeiro do “sentimento”- o que você sentiu-, não o que você conheceu; as idéias estão embutidas na roupagem sensorial, intuitiva e afetiva.”(MORAN, 2002).

O objetivo é perceber o quanto a utilização da TV e sua dinâmica podem tornar o fazer comunicativo mais satisfatório e realizador para o docente e para

o aluno. Acredito, pois, que a realização está neste processo comunicativo de acompanhamento tecnológico, mas acima de tudo, de saber dar e receber de forma dinâmica e criativa.

5.6 Aspectos Éticos

O questionário entregue aos entrevistados manteve o cuidado de não expor a pessoa, apresentando uma conclusão da realidade da Escola, para possível ação e estratégias, a fim de melhorar o ambiente escolar e acompanhar a cultura mediática. O resultado do trabalho tem por fim o grande objetivo de melhorar a relação comunicativa com o uso das tecnologias, - neste caso a TV- no fazer do docente.

6 CONCLUSÃO

Concluindo este trabalho, podemos afirmar que as reclamações e o abandono ou ainda a falta de motivação identificado em cada final de ano, de professores e alunos, demonstra que alunos não agüentam mais essa forma de comunicação. Que ninguém se realiza dessa forma. Que a louvável tarefa de comunicar, não pode ser realizada por si só, isolada da realidade. A comunicação é abertura, para a ação conjunta de cada ser humano no mundo e na sociedade. Comunicação gera dinâmica de vida, e por isso atrai, não afasta, não desilude, não gera a diferença e sim nela se identifica. “Essa dialética da identidade na diferença, sendo constitutiva da atividade do sujeito enquanto situado e finito, apresenta-se dotada de fundamental importância em ordem à elaboração da categoria da realização” (VAZ,1992, p.163).

Portanto é preciso modificar essa forma superficial, hipócrita e entediante de interagir com o outro. Motivar-se e dar sentido dinâmico ao espaço de atuação do docente. As tecnologias podem ser um recurso, não de facilidade, mas sim de inovação e de criatividade. Transformar o docente em comunicador convicto e criativo é o desafio de qualquer formação de professores nos dias atuais. Para MORAN (2004), exige-se uma mudança substancial.

O cinema, o rádio, a televisão trouxeram desafios, novos conteúdos, histórias, linguagens. Esperavam-se muitas mudanças na educação, mas as mídias sempre foram incorporadas marginalmente. A aula continuou predominantemente oral e escrita, com pitadas de audiovisual, como ilustração. Alguns professores utilizavam vídeos, filmes, em geral como ilustração do conteúdo, como complemento. Eles não modificavam substancialmente o ensinar e o aprender, davam um verniz de novidade, de mudança, mas era mais na embalagem (MORAN, 2004 p. 2).

O impacto das tecnologias, nas sociedades, conforme relata PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais, a tecnologia possui aplicação em todas as

áreas humanas, no caso das Ciências Humanas, cumprem um papel importante na compreensão do significado das mesmas para as sociedades. Apontam tanto os processos sociais que levam os homens a buscarem respostas e ferramentas para a resolução de problemas concretos, quando avaliam o impacto que as tecnologias promovem sobre essas mesmas sociedades. (PCN, 1999 p. 294).

Para integrar as tecnologias em uma sociedade da informação segundo MORAN, (1999) precisamos reaprender a conhecer, a comunicar, a ensinar; reaprendendo a integrar o humano e o tecnológico; integrar o individual, o grupal e o social.

O docente necessita urgente ser libertado de qualquer estrutura, desejo e interesse, pois só um comunicador aberto e livre consegue interagir melhor, comunicar-se melhor e informar a todos aquilo que é essencial para que aconteça o resgate de cada ser humano, como ser comunicativo e realizado em sua dignidade de ser.

São as idéias que fazem do educador um grande comunicador, sua capacidade eterna de surpreender sempre, de provocar o interesse, estabelecer vínculos, cria a verdadeira energia comunicativa do estar ai, de ser presença gratificante.

O grande desafio é sair do deslumbramento que as tecnologias oferecem e aprender a dominar suas linguagens e a sua utilização na educação. Estamos na era do computador e da internet, mas a escola ainda não aprendeu a fazer o uso dos meios de comunicação audiovisuais como a TV e em muitos casos é deixado de lado. A TV ajuda a falar da vida, do nosso presente, de nossos problemas, ela é dinâmica e domina os códigos de comunicação, esta em constante pesquisa, aperfeiçoamento e atualização.

A TV, é um modo diferente de receber a informação, de construir a linguagem, de processar a imagem, e de pensar as questões fundamentais da vida. É um novo paradigma. A TV torna transparentes as nossas ansiedades e desejos, nos ensina a nos questionar e auto-examinar nossas atitudes, antes mesmo de receber a presença do outro. Pois na maioria das vezes os programas representam a cultura em que vivemos. A mediação do docente,

nesse aspecto, é fundamental para a compreensão da própria cultura refletida nos programas de TV. A mediação possibilita refletir sobre a relação comunicativa em um diálogo aberto com o diferente, como participantes e protagonistas dessa nova sociedade.

Os recursos para educação são trazidos pelo avanço tecnológico, depende agora do docente mediar esses recursos em suas práticas, seja no conteúdo, na linguagem, e na relação comunicativa. O recurso da TV mostra que é possível melhorar a comunicação e, conseqüentemente, melhorar a felicidade dos docentes, isto é, tornar o docente um ser mais autêntico e realizado.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola, 1901-1990. Dicionário de filosofia. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

ACOSTA, Ana Jamila. Didática: Curso de formação de docente /Ana Jamila Acosta. Canoas: ULBRAORBE, 2004. 91 p. ; il.

AIMARD, Paule. O Surgimento da Linguagem na Criança: A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CASALI, Roselaine Maria Barichello; SANTINELLO, Jamile. MÍDIA E EDUCAÇÃO: Quando a Produção Docente Torna-se um Fazer Midiático. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1627-8.pdf. Acesso em:10/12/2010

CHERRY, Colin. A comunicação Humana. Ed. 2ª. São Paulo: Cultrix, 1974.

CHINAZZO, Cosme Luiz. Filosofia da Educação. Canoas: UIBRAORBE, 2004. 219 p.; il.

CORREA, Jaime Velez, El Hombre Um Enigma: Antropologia Filosófica. Santafé de de Bogotá. CELAM. México, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2002.

MELLO, Rosângela Menta. TV MULTIMÍDIA NA SALA DE AULA. Disp. em: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1991_1272.pdf
Acesso em: 13/12/2010

MIORANZA, Ciro. Filosofia: origens, conceitos, escolas e pensadores (texto Hector Leguizamon); tradução Ciro Mioranza. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

MORAES, Haydée Nascimento de Psicologia da educação/ Haydée Nascimento de Moraes e Silvana Lehenbauer. Canoas: ULBRAORBE, 2004. 144P. ; il.

MORAN, Jose Manuel. Leitura dos Meios de Comunicação. São Paulo, Ed. Pancast, 1993.

_____. **Desafios da televisão e do vídeo à escola (2002).** Texto de apoio ao programa Salto para o Futuro da TV Escola no módulo TV na Escola e os Desafios de Hoje, no dia 25/06/2002. Disponível em: WWW.eca.usp.br/prof/moran/desafio.htm. Acesso em 18/12/2010.

_____. **Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias (2009¹).** Texto que inspirou o capítulo primeiro do livro: MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 16ªed. Campinas: Papirus, 2009, p.11-65. Disponível em: WWW.eca.usp.br/prof/moran/uber.htm. Acesso em 18/12/2010.

_____. **O Vídeo na Sala de Aula (1995).** Artigo publicado na revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, (2): 27 a 35, jan./abr. 1995. Disponível em: www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm#análise
Acesso em: 18/12/2010

_____. **Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD- Uma leitura crítica dos meios (1999).** Palestra proferida no evento “Programa Tv Escola – Capacitação de Gerentes”, realizado pela COPEAD/SEED/MEC em Belo Horizonte e Fortaleza, no ano de 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf>. Acesso em: 18/12/2010.

_____. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias (2000).** Artigo publicado na revista Informática na Educação: Teoria & Prática. Porto Alegre, vol. 3, n.1 (set.2000) UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, pág. 137-144. Disponível em: www.eca.usp.br/prof/moran/innov.htm. Acesso em: 18/12/2010.

_____. **Como utilizar as tecnologias na escola (2009²)**. A Educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá (4^a ed, Papirus, 2009, p. 101-111). Disponível em: www.eca.usp.br/prof/moran/utilizar.htm. Acesso em: 18/12/2010.

_____. **Os novos espaços de atuação do educador com as tecnologias**. Curitiba, Champagnat, 2004. Disponível em: www.eca.usp.br/prof/moran/espacos.htm. Acesso em: 18/12/2010.

_____. **Mudanças dos profissionais em estruturas educacionais complexas (2010)**. Moran10.blogspot.com/19 jul 2010. Disponível em: www.eca.usp.br/prof/moran/profissionais.htm. Acesso em: 18/12/2010.

MORIN, Edgar, 1921. Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro/ Edgar Morin: Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 10. ed. – São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO, 2005.

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. / Ministério da Educação. Secretária de Educação Média e Tecnológica. – Brasília: Ministério da Educação, 1999. 364p.: il fotos; 27 cm.

RABUSKE, Edvino A. Antropologia filosófica I. Petrópolis: Vozes, 1986.

SAMPAIO, Marisa Narciso; Leite, Lígia Silva. Alfabetização tecnológica do professor. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SEABRA, Carlos. Palestra: Uma Extensão da Mente – Diálogos com Professores. Fronteiras do Pensamento. 09/12/2010.UFRGS

SILVA, Maria de Fátima Caridade da; LEITE, Dra. Lígia Silva. Uso Pedagógico da Televisão e do vídeo: O olhar de professores e alunos de Licenciatura em História. III Seminário Internacional: As Redes de Conhecimento e a Tecnologia: Professores/professora- texto, imagens e som.(2005) Disponível em:

WWW.lab-eduimagem.pro.br/frames/seminários/pdf/mafaca.pdf Acesso em: 18/12/10.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Construção do Conhecimento em Sala de Aula. São Paulo: Libertad, 2002.

VAZ, Henrique C. L. Antropologia filosófica I Ed. 3ª. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. **Antropologia filosófica II.** Ed 2ª. São Paulo: Loyola, 1992.

VYGOTSKY, Lev S. Pensamento e Linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

ZABALA, Antoni. A prática educativa. Como ensinar. Porto Alegre. Artmed. 1998.

ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CINTED- ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO
INSTRUMENTO DE PESQUISA

Quanto ao uso das mídias, TV em sala de aula.

Idade:

() Quase nunca

1. Quais as estratégias que usas para o uso da TV em suas aulas?

2. Quando fazes uso da Mídia, neste caso a TV, qual o grau de satisfação e retorno que tens percebido de seus alunos?

() Satisfatório () Outros_____

() Insuficiente () Péssimo

() Muito Bom

Disciplina(s):

3. A quanto tempo é docente? Sempre atuou como professor ou exerceu ou exerce outra função na escola?

Séries em que atua?

4. Você usa a sala de mídias TV?

() sim () não.

Se sim, favor responder

- Para Filmes
- Documentários
- Aula ilustrativa
- Demonstração
- Outros_____

5. Para você qual a verdadeira necessidade no uso da TV em sala de aula?

6. Quais são as principais dificuldades para o uso da TV, nesta escola?

7. O trabalho com filmes ou documentários tem relação com os conteúdos trabalhados e faz parte de seu plano de aula?

- Sim
- Não
- Às vezes

8. Quando utiliza TV, filme ou documentário, fazes em seguida uma reflexão com seus alunos.

- Sempre
- Às vezes
- Nunca
- Na aula seguinte

9. Quanto ao tempo na sala de TV, para um filme de 1 hora, por exemplo, já que os períodos correspondem a 50 minutos, contando deslocamento, ajustes e chamada, como procedes:?

- Apresenta parcelado, somente em suas aulas, podendo dispor de dias ou semanas para finalizar;
- Solicita empréstimo de tempo ao professor da próxima disciplina;
- Assiste com mais de uma turma;
- Inicia o filme e pede para que os alunos busquem assistir o restante extra classe;

10. Você indica filmes para seus alunos, a partir do conteúdo desenvolvido?

- Sim, sempre
- Sim, conforme o conteúdo

De vez enquanto, ou nunca

11. Você possui TV em sua casa?

Sim. Se, sim favor responder.

Assiste algum programa , todos os dias

Não liga a TV durante a semana

Liga , mas não acompanha

Não

12. Possui, VHS, DVD, TV por assinatura, INTERNET. Com que frequência faz uso desses meios e outros para assistir a filmes e documentários.

Todos os dias

Uma ou duas vezes por semana

Uma ou duas vezes por mês

Quase nunca

13. Você vai ao cinema?

Todos os dias

Semanalmente

Quinzenalmente

ANEXO II

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CINTED- ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO
INSTRUMENTO DE PESQUISA

Quanto ao uso das mídias, TV em sala de aula.

Idade:

Cite as três, disciplinas que mais fizeram uso da TV nas aulas deste trimestre.

Séries/turma em que estuda ?

1. Você gosta da aula com TV?

sim não.

Se sim, favor responder

Para Filmes Documentários

Aula ilustrativa Demonstração

Outros_____

1.a) Você possui conhecimento sobre a videoteca da Escola? Sim
 Não

Opinião:

2. Para você qual a verdadeira necessidade no uso da TV em sala de aula?

3. Quais são as principais dificuldades para o uso da TV, nesta escola?

4. O trabalho com filmes ou documentários tem relação com os conteúdos trabalhados e faz parte da aula?

- Sim
- Não
- Às vezes

5. Quando assiste um filme ou documentário, seguida é feita uma reflexão, análise, comentário etc, com a turma.

- Sempre
- Às vezes
- Nunca
- Na aula seguinte

6. Você assiste filmes que possui alguma relação com o conteúdo da aula?

- Sim, sempre
- Sim, conforme o conteúdo
- De vez enquanto, ou nunca

7. Você possui TV em sua casa?

- Sim. Se, sim favor responder.
- Assiste algum programa , todos os dias
- Não liga a TV durante a semana
- Liga , mas não acompanha

- Não

8. Possui, VHS, DVD, TV por assinatura, INTERNET. Com que frequência faz uso desses meios e outros para assistir a filmes e documentários.

- Todos os dias
- Uma ou duas vezes por semana
- Uma ou duas vezes por mês
- Quase nunca

9. Você vai ao cinema?

- Todos os dias
- Semanalmente
- Quinzenalmente
- Quase nunca

10. Qual o filme ou documentário que mais lhe impressionou neste trimestre? Por que?**11. A turma colabora com o professor e colegas para que todos possam aproveitar adequadamente o vídeo?**

- Não
- Sim
- Às vezes